

1932

O 25º ANIVERSÁRIO da Revolução Constitucionalista me fez reparar numa coisa pessoal e melancólica: estou fazendo 25 anos de profissional da imprensa. Antes de 32 eu já escrevia regularmente em um jornal de Cachoeiro, mas foi no começo desse ano que entrei, para ganhar a vida, em um «Associado» de Belo Horizonte; a esta altura do ano tive uma conversa com meu patrão Dario Magalhães e, com uma carta do secretário do Interior (Capanema) que me autorizava a visitar toda a zona de combate em território mineiro, toquei para a frente. O QG do então coronel Cristóvão Barcelos era em Passa Quatro; a maior parte da tropa estava acantonada pouco adiante, em Manacá. Do Exército havia apenas uma parte do 10º R.I., lutavam principalmente os batalhões da Força Pública de Minas, alguns bem experimentados, como o 7º de Bom Despacho, outros formados às pressas com retirantes nordestinos arrebanhados em Manga. O Regimento de Cavalaria, devido à natureza do terreno (montanhoso e cheio de matas) lutava a pé.

Os paulistas haviam penetrado em território mineiro, mas depois regrediram até o Túnel da Mantiqueira, posição excelente, onde haviam de se manter até quase o fim da luta, quando perceberam que teriam a retaguarda cortada. A frente legalista formava uma espécie de semi-círculo de muitos quilômetros diante do túnel. Na extrema direita estava o Pico do Cristal, de onde avistávamos cinco cidades paulistas. Ali dormi uma noite numa trincheira e pela manhã senti que tinha os pés enregelados (fazia 2 abaixo de zero); salvei-me graças a uma terapêutica instintiva: cachaça... Ao chegar à frente eu tinha um bom capote; fui, entretanto, acompanhar a progressão de um batalhão que seguia em fila indiana pela margem de um córrego, cada homem a dez metros do outro. Apesar da distância os paulistas nos viram e metralharam. Tínhamos de deitar no chão e depois continuar a avançar por lances. Meu capote era claro, e um tenente cismou que ele é que atraía os tiros do adversário. Fui obrigado a tirá-lo, e ele foi jogado n'água...

Não fiquei até o fim da luta, porque minha posição era difícil: eu estava na frente legalista fazendo reportagem para um jornal que apoiava os rebeldes... Mais de uma vez ouvi piadas desagradáveis e até ameaças; quando caiu morto o coronel Fulgêncio, que era amigo do meu jornal, fui preso e mandado para a retaguarda. A morte desse oficial, caçado por um tiro de fuzil pouco antes da hora marcada para um ataque geral, causou grande abalo. Um de seus amigos, que comandava o Batalhão de Engenharia, fez um ataque maluco por conta própria, de raiva: era Otacílio Negro de Lima... Não me lembro com precisão do médico Juscelino, mas me lembro (porque era meu censor) de sr. Benedito Valadares, chefe de Polícia das tropas em operação.

Eu tinha 19 anos e não creio que fosse mau repórter; apenas acontecia que do jornal não interessava publicar as notícias que a censura deixava passar, e que me obrigava a fazer crônicas sobre o ambiente da guerra e não propriamente reportagens. Não sei se pela minha preocupação em ser imparcial e exato, não «torcia» para nenhum dos dois lados, embora politicamente simpatizasse mais com os paulistas, por serem contra a Ditadura, com que sempre impliquei, por ofício e temperamento.

Creio que fui, na frente, um «foca» razoável. E se tivesse liberdade teria feito uma proeza a ficar histórica entre os correspondentes de guerra: em certo ponto da linha as trincheiras adversárias eram tão próximas que os homens conversavam de um lado para outro, e eu fiz uma espécie de entrevista bem humorada com um paulista que zombava do velho Olegário...